

## O ULTRA-HUMANO EM TEILHAD DE CHARDIN

*O Homem entrou sem ruído.*

*Na realidade ele caminhou tão discretamente que, na altura em que, denunciado pelos instrumentos de pedra indelévels que multiplicam a sua presença, nós começamos a lobrigá-lo, já ele recobre o Velho Mundo, do Cabo da Boa Esperança a Pequim. Já, com certeza, fala e vive em grupos. Já acende o lume. [...] Quando, pela primeira vez, num ser vivo, o instinto se avistou no espelho de si próprio, o Mundo inteiro deu um passo.*<sup>1</sup>

O que acabo de ler-vos é um parágrafo extraído do capítulo «O Pensamento», de “O Fenómeno Humano”, a obra-mestra de Teilhard de Chardin, escrita durante o seu exílio na China, nos anos 40.

O «espelho de si próprio» a que ele aqui se refere é o que então designou por «Passo da reflexão», momento chave da evolução que marca o início da hominização dos antropoides: este ser, assim acabado de sair da animalidade, adquire um estado de consciência reflexiva, que lhe permite, mais do que saber, saber que sabe. Este passo é de tal modo decisivo em todo o processo que Teilhard não hesita em colocar o Homem na posição de «flecha da evolução». A partir daí, progressivamente, a natureza deixou de se reger apenas pelas leis naturais para passar a estar sujeita à acção do homem, da sua inteligência, vontade, liberdade e capacidade inventiva. A evolução tornou-se inteligente, na expressão de Teilhard.

Como cientista, Teilhard, ao estudar os mecanismos da evolução, chega à conclusão de que todos os fenómenos, por um processo de complexificação crescente, convergem, no tempo e no espaço, para um ponto fulcral, a que chamou Ómega. Como crente, faz, desses mesmos fenómenos, a interpretação de Criação em processo, fazendo coincidir o Cristo cósmico de S. Paulo e de S. João com o ponto Ómega. E todos os atributos desse ponto Ómega, nomeadamente o de atrair a si tudo o que na natureza se vai criando, são, em última análise, os atributos do próprio Cristo, Senhor e Centro de toda a Criação.

Nesta concepção de Teilhard, o Homem, trazido desde as profundezas do Universo telúrico, foi elevado até à condição de flecha da evolução. Nele despontou em pleno o espírito, emergindo lentamente de todo o progresso evolutivo da matéria e de cefalização, até nele se constituir em Noosfera. Nele, o espírito de adoração evoluiu a par com a sua inteligência. Estava, enfim, destinado pelo Criador a nele realizar a sua encarnação histórica em Jesus de Nazaré e, assim, revelar o Pleroma, isto é, a plenitude do encontro de Deus com a Humanidade. A convergência em Ómega de toda a Criação espiritualizada no Homem é, afinal, a convergência para o Cristo da Parusia.

A este propósito, diz-nos Teilhard, num ensaio de 1924, intitulado «Mon Univers»<sup>2</sup>:

<sup>1</sup> Teilhard de Chardin, *O Fenómeno Humano*, ed. Tavares Martins, Porto, 1965, pág. 195

<sup>2</sup> Teilhard de Chardin, *Mon Univers*, Tomo 10, Obras Completas, ed. Seuil, (trad.)

*Eis porque os desenvolvimentos físicos da Humanidade, ulteriores, os verdadeiros prolongamentos da sua evolução sideral e biológica, devem ser procurados num acréscimo de consciência obtido pelo desencadeamento de poderes unitivos psíquicos. [...]*

*Quando se aproximar o fim dos tempos, exercer-se-á uma pressão espiritual tremenda sobre os limites do Real. Esta pressão será unânime sob o esforço das almas desesperadamente tensas no desejo de evadir-se da Terra e, confiadas nas promessas de Cristo, esperando apaixonadamente que o Mundo morra para serem absorvidas com ele em Deus. [...] Então, sobre uma Criação levada ao paroxismo das suas aptidões à União, se há-de exercer a Parusia.*

Esta convergência da Humanidade parte de cada indivíduo, mas consuma-se no fenómeno social de agregação colectiva, em progressiva unanimização cognitiva e espiritual, e determina a formação daquilo que Teilhard designou por Noosfera, a camada invisível, mas palpável, do pensamento em crescente processo de intensificação e harmonização. Num artigo de 1947, Teilhard afirma: *Não é senão mergulhando no coração da Noosfera que nós poderemos esperar, que poderemos estar seguros, de encontrar, todos juntos, tanto quanto cada um de nós, a plenitude da nossa Humanidade.*<sup>3</sup>

O Homem tende, pois, pelos efeitos de atracção de Ómega, para uma intensificação de todas as suas faculdades intelectuais e espirituais, cumulando naquilo a que Teilhard designou por Ultra-humano.

Como nos faz notar o jesuíta Gustave Martelet<sup>4</sup>, teólogo e estudioso de Teilhard, este conceito de Ultra-humano aparece pela primeira vez num ensaio de Teilhard de 1949, «*Le Cœur du Problème*», na sequência do amadurecimento da sua «visão duma Humanidade biologicamente arrebatada em destinos misteriosos duma antropogénese global»<sup>5</sup>. Refere ali Teilhard:

*À nossa volta, no Mundo, não haveria somente Homens multiplicando-se em número; mas há ainda o Homem em formação. Noutros termos, o Homem não é ainda zologicamente adulto. Psicologicamente, ainda não pronunciou a sua última palavra. Mas, duma maneira ou de outra, um **Ultra-humano** encontra-se em marcha, o qual, por efeito (directo ou indirecto) de socialização, não pode deixar de aparecer amanhã.*<sup>6</sup>

Esta noção de Ultra-humano está, como vimos, intrinsecamente ligada à de Noosfera, cuja verdadeira identidade, no dizer de Martelet, «é a própria humanidade enquanto responsável pelas inúmeras correlações que devem humanizar a Terra». Ainda segundo Martelet, «o problema capital que se coloca à *Noosfera*, compreendida desta forma, não é, para Teilhard, em primeiro lugar, o desenvolvimento dum qualquer “ciberespaço” ou

<sup>3</sup> *A formação da Noosfera*, Revue des Questions Scientifiques, Lovaina, janeiro de 1947 (trad.)

<sup>4</sup> Gustave Martelet, *Teilhard de Chardin, prophète d'un Christ toujours plus grand*, ed. Lessius, Bruxelas, 2005, cap. “L’Ultra-Humain”, p. 179-193

<sup>5</sup> Teilhard de Chardin, *Le Cœur du Problème*, Tomo V, Obras Completas, ed. Seuil, p. 334 (trad.)

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 342 (trad.)

duma qualquer internet, mas sim o duma passagem evolutivamente imposta em direcção ao que ele chama Ultra-humano».

Esta passagem evolutiva do Homem em direcção ao Ultra-humano faz-se, em primeiro lugar, pela atracção de Ómega; em segundo lugar, faz-se pelo que ela implica de socialização, de participação colectiva na construção dum Mundo em ascensão espiritual. Daí, nada se excluir daquilo que o mesmo Homem possa criar no sentido de melhorar, não só os elementos que o rodeiam, mas também as suas próprias capacidades físicas e intelectuais.

Em 1937, no ensaio “A Energia Humana”<sup>7</sup>, Teilhard enumera interrogativamente muitos desafios conflituantes com que o homem se confronta, terminando por definir uma condição prévia a qualquer resposta: a definição de uma escala e de um plano de valores humanos. No mesmo ensaio, alerta para os perigos que decorrem duma interferência nos mecanismos da hereditariedade, se se quiser melhorar a espécie humana, e defende uma “investigação metodicamente organizada” que, tacteando, tudo experimente: uma humanidade que avance tacteando. Lê-se, nesse texto:

*Por um complexo de razões obscuras, a nossa geração ainda encara com desconfiança qualquer esforço esboçado pela ciência para pôr a mão nos molas reais da hereditariedade, da determinação dos sexos, do desenvolvimento neuronal. Como se o homem tivesse o direito e o poder de interferir em todas as engrenagens do Mundo excepto as aquelas que o constituem a ele mesmo? E, no entanto, é sobre este terreno, eminentemente, que nós temos de tudo ensaiar, até ao fim. Tentativas delicadas, certamente, mas, precisamente porque delicadas, para serem sadiamente, respeitosamente, religiosamente perseguidas, exigem as precauções e a vigilância duma investigação metodicamente organizada. Jamais o homem fazendo experiências com o seu semelhante, mas a Humanidade tacteando para dar aos seus elementos uma vitalidade mais elevada.*

O limite moral desta intervenção será sempre a preservação da liberdade de cada um e o respeito pela formação do máximo de personalidade.

Finalmente, em 1954, num ensaio escrito um ano antes da sua morte<sup>8</sup>, alerta para a inevitabilidade do avanço da investigação no domínio de uma evolução dirigida, com todos os perigos e riscos que comporta e que será impossível travar. Por isso é indispensável encará-la. Ele não é um biólogo, mas, face aos avanços da ciência, de que ele vai sempre tendo conhecimento, interroga: – poderá o Homem “aperfeiçoar o seu próprio sistema nervoso, interferir nos mecanismos da reprodução, da embriogénese, da selecção dirigida, de geração em geração, de forma a tornar-se cada vez mais cerebralizado?” E afirma ali:

*Seguindo as vias convergentes da genética, da química, da embriologia, da cerebrologia e da nova psicologia, o homem, associado a todos os outros homens,*

---

<sup>7</sup> Teilhard de chardin, *L'énergie humaine*, Tomo 6, Obras Completas, ed. Seuil (trad.)

<sup>8</sup> Teilhard de Chardin, *La structure phylétique du Groupe Humain*, Tomo 2, Obras Completas, ed. Seuil, p. 226 (trad.)

*sente que a hora se aproxima em que, forçado pelo destino, irá conseguir pôr o dedo nas engrenagens mais fundamentais do seu próprio desenvolvimento orgânico. Isto não quer dizer senão que, em fim de contas, para o Reflexivo terrestre chegado à sua fase superior e última de sobrecompressão, uma nova forma de evolução se torna possível e se inaugura: a seguir à era das evoluções suportadas pela matéria organizada, eis a era da auto-evolução abrindo-se na direcção de algum ultra-humano.*

E continua interrogando: “quem ousaria afirmar hoje que daqui a 10.000 anos esta louca imaginação de ontem não se terá tornado realidade”.

Mas, no final, para Teilhard, o Ultra-humano não será um *cyborg*, um super-homem, como faz notar Martelet, que afirma: «Enquanto “unanimização livre e consentida” da “camada de reflexão da terra”, o *Ultra-humano* será a forma superior, evolutivamente necessária e em marcha, do humano». Assim, o Ultra-humano de Teilhard corresponderá à Humanidade elevada, não só ao extremo das suas potencialidades, mas, acima de tudo, ao máximo da sua capacidade de amar e, desse modo, de se assimilar em plenitude com Cristo, numa espécie de «inversão de consciência, de uma erupção de vida interior, de um êxtase...» (Mon Univers).

Sobre este caminho da Humanidade em direcção ao Ultra-humano, assim concebido, diz-nos ainda Teilhard num ensaio de 1950<sup>9</sup>:

*Que a compressão totalizante a que estamos submetidos não tenha, como consequência, desumanizarmo-nos por mecanização, mas (como parece possível) sobre-humanizarmo-nos por intensificação das nossas capacidades de compreender e de amar. [...] De tal modo que, um vasto domínio de Ultra-humano, centrado ou a centrar pessoalmente no seu termo (...), se descobre à nossa frente, em todos os casos, domínio esse em que não seríamos capazes de sobreviver nem de superviver, senão incrementando e desposando, ao máximo, sobre a Terra, todas as forças disponíveis de visão comum e de unanimização.*

Neste mesmo ano de 1950, escreveria Teilhard mais dois ensaios focados na problemática do ultra-humano. Porém, em março de 1951 (precisamente quatro anos antes da morte), escreve a propósito ainda mais um ensaio<sup>10</sup> que será, assim, a sua última palavra sobre o tema. Por esse motivo, achamos que valerá a pena escutá-lo directamente, pelo que, como conclusão à minha exposição, a seguir leio-vos a última parte deste escrito, intitulada “Consequências religiosas da existência dum ultra-humano: uma cristogénese em que se reconciliam o em-alto com o em-frente»<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Teilhard de Chardin, *Sur l'existence probable, en avant de nous, d'un « Ultra-Humain »*, janeiro 1950, Tomo 5, Obras Completas, ed. Seuil, p. 360, 364 (trad.)

<sup>10</sup> Teilhard de Chardin, *Réflexions sur la probabilité scientifique et les conséquences religieuses d'un Ultra-humain*, Tomo 7, Obras Completas, ed. Seuil.

<sup>11</sup> Texto da comunicação de António Ludovice Paixão, secretário-geral da AAPTCP, ao Curso Livre Teilhard de Chardin, realizado de 16-18 de dezembro de 2019, no Instituto Adriano Moreira, Academia das Ciências de Lisboa.